

MODELO DE APRENDIZAGEM DE PLE DOS APRENDENTES CHINESES NO ESTRANGEIRO

Chunhui LU

Universidade de Estudos Internacionais de Zhejiang. olivio2012@163.com. Hangzhou, Zhejiang, China.

Resumo:

Com a intensificação da comunicação e da interação entre a China e os países de língua portuguesa e no contexto da iniciativa “Um cinturão e uma rota”, proposta pelo governo central chinês, o português tornou-se uma língua cada vez mais procurada no mercado e preferida pelos alunos chineses, o que pode ser verificado no crescente número de universidades que disponibilizam o curso de ensino da língua lusa. Conforme uma recente pesquisa, foram estabelecidos 70 protocolos entre universidades chinesas e lusófonas, no âmbito dos quais é permitido aos alunos chineses fazerem um ano ou dois anos de intercâmbio no exterior para praticarem e melhorarem as suas competências linguísticas. O presente estudo visa conhecer e analisar o modelo de aprendizagem de PLE (Português Língua Estrangeira) dos alunos chineses no estrangeiro em comparação com o modelo nas instituições de origem, na China. Utilizam-se duas estratégias: o questionário, aplicado a 17 inquiridos, e a entrevista, feita a outros 4 alunos. A partir da análise dos resultados, são apresentadas sugestões e propostas aos alunos chineses que pretendam estudar fora, com o objetivo de melhor se adaptarem à vida local e de aumentarem a eficiência de aprendizagem.

Palavras-chave:

PLE; aprendentes chineses; estrangeiro

1. Introdução

No contexto da globalização, tanto comercial quanto da mobilidade da população, a aprendizagem de línguas estrangeiras está a receber cada vez mais atenção na China e, hoje em dia, não é uma novidade que um chinês estude fora da sua pátria. O português, uma língua românica falada por cerca de 273 milhões de pessoas em todo o mundo, encontra-se entre as escolhas preferidas dos estudantes chineses que pretendem conhecer um novo idioma além do Inglês, que foi implementado ao sistema educacional de forma obrigatória há muitos anos. Conforme uma recente pesquisa da Prof^a Yan Qiaorong⁴⁸¹, em 2016, totalizam-se 2159 alunos matriculados em curso de PLE (Português Língua Estrangeira) de 33 universidades. A mesma pesquisa ainda releva que, até ao momento, foram assinados 70 protocolos em termos de cooperação com 18 universidades não só de Macau mas também de países lusófonos, espalhados sobretudo pelo Brasil, por Portugal e por Cabo Verde, contando com 1177 alunos que estudaram no estrangeiro entre os anos 2013 e 2016. Para os aprendentes de PLE, a experiência de estudar fora é uma mais-valia e uma boa oportunidade de melhorar a dominação da língua de forma integral visto que, em comparação com a aprendizagem na China, viver num ambiente em que se ouve português autêntico diariamente é favorável à aquisição natural da mesma língua, razão pela qual se adapta o modelo de aprendizagem perante essa mudança. A presente pesquisa visa conhecer, através da aplicação de entrevistas e questionários, a situação geral dos estudantes de Português no estrangeiro, os modelos de aprendizagem que eles adotam e as dificuldades que enfrentam, esperando encontrar os fatores mais decisivos que influenciam a eficiência de aprendizagem da língua portuguesa.

2. Programas de intercâmbio nos planos curriculares dos cursos de Português

⁴⁸¹ Yan, Qiaorong, Cooperação no Ensino de Português China-Lusofonia e entre a China Continental e a RAEM. 2016. In: Reports on the Development of Portuguese-Speaking Countries. ed. Social Sciences Academic Press: 44-58.

De acordo com Hu (2002), citado por Yuan (2014), o plano curricular diz respeito ao conjunto de características disciplinares, disponibilizadas pelas instituições de ensino superior ou pelos outros tipos de instituições educacionais, bem como as disciplinas organizadas em determinado período.

Yuan (2014) dividiu a evolução do plano curricular do ensino de português em quatro fases: o período inicial (1961-1966), a reconstrução (1973-1978), o desenvolvimento (1978-2005) e a diversificação (2005-presente). O primeiro passo de cooperação entre as universidades chinesas e as do mundo lusófono foi durante 1976 a 1978, quando três turmas compostas de mais de trinta alunos foram enviadas para a Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique. No período do desenvolvimento foi verificada a intensificação do intercâmbio e mobilidade dos alunos chineses de Português para o exterior. Desde os anos 80, a Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim (BFSU) começou a enviar alunos para fazer o Curso de Verão em Língua Portuguesa na Universidade de Macau (UM). Logo em 1998, no âmbito de um acordo de cooperação assinado entre a BFSU e a UM e Fundação de Macau, os alunos do 3º ano da BFSU podiam fazer um ano de estudo na UM, subsidiados pela Fundação de Macau e acompanhados por um professor da BFSU, “tradição” académica mantida até agora.

De acordo com Yuan (2014), o início da diversificação foi marcado pela expansão do curso de Português na China desde 2005. Com o desenvolvimento do curso de forma generalizada, as relações cooperativas com as instituições de ensino superior dos países lusófonos foram-se estabelecendo. Conforme os dados consultados e apresentados na última secção, a maioria das universidades que abrem o curso de Português já têm cooperações permanentes com universidades estrangeiras de renome de diferentes formas, inclusive o envio de alunos chineses para uma universidade parceira, a mobilidade de alunos entre duas universidades, a abertura de um Instituto Confúcio numa universidade parceira, entre outras.

Nesse contexto, estudar fora por um determinado período já se tornou uma normalidade nos cursos de Português e é visto uma boa oportunidade para os alunos praticarem a língua e alargarem os horizontes. Como por exemplo, a Universidade de Estudos Internacionais de Xangai (SISU, sigla inglesa) mantém relações de cooperação com a Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Lisboa, Universidade do Porto,

Universidade de Aveiro e com a Universidade de São Paulo. Os acordos permitem que os alunos da SISU frequentam no exterior um curso relativo a língua e cultura portuguesas, normalmente de um ano. A exceção é o mecanismo cooperativo com a Universidade Nova de Lisboa, através do qual os alunos da SISU podem ir lá estudar a Economia por dois anos (3º ano e 4º ano), e obter dois diplomas (um da SISU e o outro da Universidade Nova) quando concluírem o curso com aproveitamento. No caso da Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim (BFSU), são três universidades parceiras: a Universidade de Macau, a Universidade de Coimbra e a Universidade de São Paulo.

O presente trabalho é baseado na entrevista e questionários efetuados aos alunos do 4º ano da Universidade de Estudos Internacionais de Zhejiang (ZISU). Até ao momento, a ZISU assinou, sucessivamente, convénios para intercâmbios com quatro universidades localizadas fora do Continente da China: a Universidade de Coimbra, a Universidade de Lisboa, a Universidade de Macau e a Universidade de São Paulo. São três modelos de intercâmbio à escolha dos alunos: o curso de verão (um mês ou dois meses), o curso de um semestre e o curso anual (de dois semestres). Todos os programas são opcionais e os custos são suportados pelos próprios alunos. Em cada um dos últimos quatro anos, foram entre 18 a 20 alunos os que optaram por estudar fora. e a média dos participantes de cada turma que frequentou um curso a longo prazo (um ano) chegou a 2/3 do total.

Essa realidade quer dizer que uma grande parte dos alunos chineses de Português fazem, pelo menos, um ano de estudo no exterior, equivalente a 1/4 do percurso universitário total. Por isso, podemos concluir que o intercâmbio faz parte importante do plano curricular e exerce grande influência na aprendizagem dos alunos de PLE.

3. Metodologia

A metodologia deste trabalho combina duas estratégias que são independentes e complementares, o inquérito por questionário e o por entrevista. As duas são frequentemente aplicadas em investigações académicas e cada uma tem próprias

vantagens. No entanto, a utilização sozinha de qualquer uma também apresenta certos defeitos.

Tabela 2 Inquérito por questionário e por entrevista

	Questionário	Entrevista
Vantagem	Rapidez	Perguntas mais abertas e flexíveis, favoráveis para conhecer características individuais
	Resultado quantitativo, fácil de analisar	Mais direta e fácil para se aproximar do núcleo da questão
	Resultado relativamente mais objetivo, favorável para a descrição da situação geral	Respostas mais completas e claras, com menos ambiguidade
	Maior autenticidade por causa do anonimado	Mais interação e menos mal entendimento
Desvantagem	Perguntas fechadas, difícil de obter informações subjetivas	Demora do tempo e alto custo
	Respostas menos concretas e menos aprofundadas	Resultado eventualmente influenciado pela atitude ou preconceito do respondente
	Caraterísticas individuais não apresentadas	Resposta menos bem organizada por causa do tempo curto de reação

Por isso, as duas estratégias são complementares e a combinação das duas pode efetivamente contornar os defeitos trazidos pela utilização sozinha de qualquer uma.

O questionário tem no total 10 perguntas e envolve vários aspetos do estudo e da vida em Portugal, tais como o estudo dentro e fora da sala de aula, a integração e adaptação à cultura e à sociedade portuguesas e dificuldades encontradas durante o intercâmbio.

A entrevista é meio aberta, ou seja, envolve a intervenção do entrevistador através da colocação de perguntas, do esclarecimento de perguntas menos claras e do controlo do tempo. A entrevista demorou cerca de uma hora e as conversações foram gravadas para a verificação de alguns pontos não registrados na ocasião.

3. Análise e discussão

O inquérito por questionário conta com a participação de 17 alunos, da Universidade de Estudos Internacionais de Zhejiang (ZISU), entre os quais 6 tinham estudado na Universidade de Lisboa (UL) e 11 tinham frequentado o curso da Universidade de Coimbra (UC).

Quatro alunos foram convidados para a entrevista. São três alunas e um aluno, da mesma turma na ZISU e acabados de terem voltado de Portugal. As meninas assistiram no intercâmbio na UC e o menino estiveram na UL por um ano. Para simplificar a descrição, os entrevistados serão representados de forma seguinte:

Tabela 3 Dados dos entrevistados

Nome	Gaudêncio	Josélia	Emília	Rafaela
Sexo	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino
Universidade de intercâmbio	de UL	UC	UC	UC
Tempo da permanência em Portugal	1 ano	1 ano	1 ano	1 ano
Representado por	Aluno A	Aluna B	Aluna C	Aluna D

Os dados colecionados dos questionários e da entrevista apresentam uma mudança do modelo de aprendizagem e dos hábitos de vida dos alunos antes e depois de se deslocarem a Portugal, o que também foi apercebido por eles próprios, pois de entre os 17 inquiridos, 16 confessam que o seu modelo de aprendizagem no exterior foi mudado. Discute-se, na seguida, vários aspetos envolvidos na integração e adaptação dos alunos à vida local, a fim de esboçar um retrato real e generalizado dos alunos chineses que estudam fora do país. Aproveita-se também apresentar a diferença do modelo de ensino entre as duas Universidades, a Universidade de Coimbra (UC) e a Universidade de Lisboa (UL), a qual foi revelada ao longo da entrevista.

4.1. Estudo na sala de aula

Quanto às diferenças na sala de aula, as opções mais escolhidas são: o modo de ensino, o modo de interação e o método de aprendizagem.

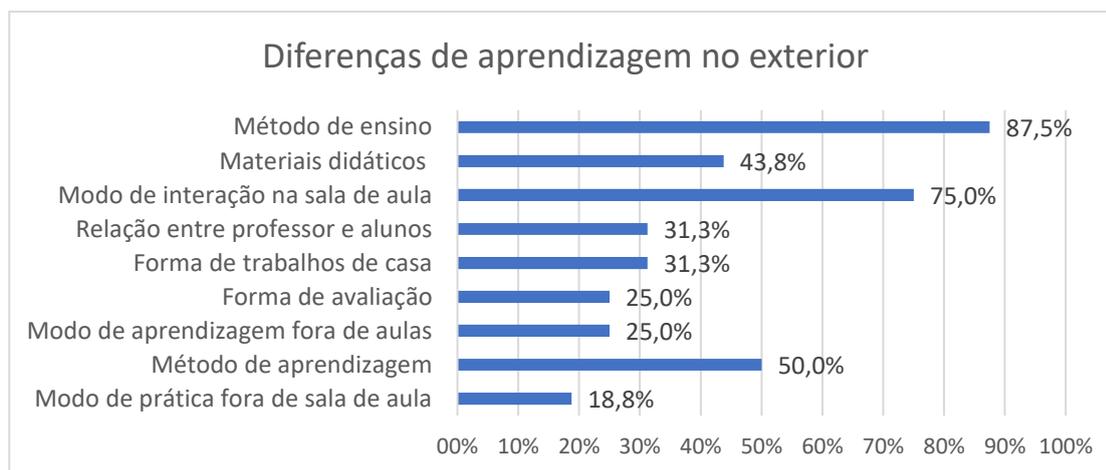


Gráfico 1 Diferenças de aprendizagem no exterior

Esta questão foi debatida na entrevista. Em relação ao método de ensino, o aluno A disse que na instituição onde frequentara, um método usado era a **definição de temas** em todas as disciplinas, tais como a Audição, a Escrita, a Gramática, a Cultura Portuguesa e a Oralidade. Os temas foram escolhidos pelo professor e aplicados nas aulas com exercícios adequados aos alunos, a fim de reforçar-lhes as competências linguísticas. Variam semanalmente os temas, compreendendo os tópicos mais quentes e falados na sociedade. Os materiais relacionados com o tema da semana foram oferecidos com antecedência para a preparação e seriam explicados ou discutidos na aula que se seguia.

Na opinião da aluna B e da aluna C que estudaram na mesma turma, a disciplina de Gramática é considerada a mais eficaz. As aulas foram **intensivas e aceleradas** e elas não se atreviam a distrair-se e estavam sempre ocupadas com exercícios e trabalhos. **Discussão e debate** foram organizados ao longo das aulas, o que não só reforçou a dominação de regras gramaticais pelos alunos, como também treinou a expressão oral deles. Além disso, esta disciplina exigia que **trabalhassem muito fora de aulas**.

A aluna C salientou a importância da **interação na sala de aula**, considerando que a interação permitia a participação mais ativa na aula e podia estimular-lhes o entusiasmo. Pelo contrário, uma aula dominada por professor e carenciada de interação entre professor e alunos é sinónimo de monotonia e de baixa eficiência. Por sua vez, a aluna C também destacou a importância de **preparação e exercícios**, antes e depois das aulas.

Em relação a **forma de avaliação**, a aluna D concluiu que na turma do nível B2, as avaliações eram mais **tradicionais**, geralmente realizadas através de exames escritos, e procuravam examinar-lhes a dominação dos conhecimentos ensinados nas aulas. Já que na turma do nível C1, as avaliações passaram a ser mais **flexíveis e abertas**, visando examinar as habilidades dos alunos de forma mais abrangente.

4.2. Estudo fora de sala de aula

Conforme os dados estatísticos, os principais métodos de aprendizagem, para além de assistência às aulas e revisão (70,6%), são contactos com os locais (70,6%), acumulação ativa da experiência do dia-a-dia (58,8%) e aprendizagem autónoma da língua (52,9%).

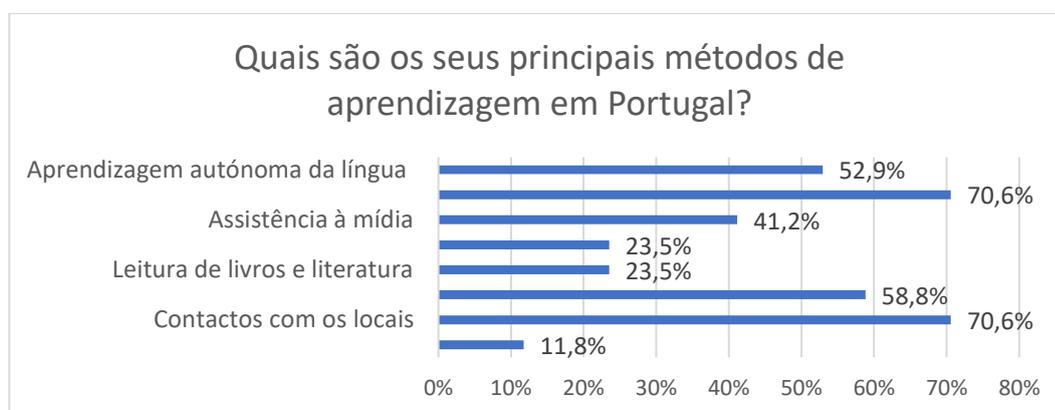


Gráfico 2 Principais métodos de aprendizagem em Portugal

A importância do **contacto com os locais** foi destacada tanto no questionário quando na entrevista, o que vai ser analisado na secção seguinte. Para além das opções apresentadas através do questionário, a entrevista revela mais três atividades que eram fundamentais para a aprendizagem da língua portuguesa no exterior, propostas pelo aluno A.

A primeira é a **excursão de estudo**, organizada uma vez por semana pela Universidade de Lisboa, sempre à sexta-feira. Os alunos viajavam em grupos e cada grupo era liderado por um professor. Eles aproveitavam para visitar diferentes locais de Lisboa tais como os pontos turísticos, os monumentos e até os restaurantes. Voltados do passeio, cada um tinha de preparar uma apresentação.

A segunda é a **prática social**. Conforme o aluno A, alguns trabalhos foram feitos de forma prática. Os alunos saíram para as ruas e entrevistaram os passageiros para realizarem um inquérito ou concluírem um projeto. Como todas as atividades foram praticadas no contexto social, as competências linguísticas e comunicativas foram efetivamente treinadas.

O **Instituto de Confúcio** era um dos locais ideais para a aprendizagem da língua portuguesa. Através de festas ou atividades organizadas pelo Instituto, os alunos tiveram a oportunidade de travar amizade com os estudantes portugueses que estavam a aprender chinês e, desta forma, ajudarem-se mutuamente.

4.3. Integração à cultura e sociedade portuguesas

O gráfico representa as maiores dificuldades quando os respondentes acabaram de chegar a Portugal. A questão da língua, inesperadamente, fica no primeiro lugar (88,2%). Depois são a não adaptação aos novos hábitos (41,2) e ao ambiente (29,4%).

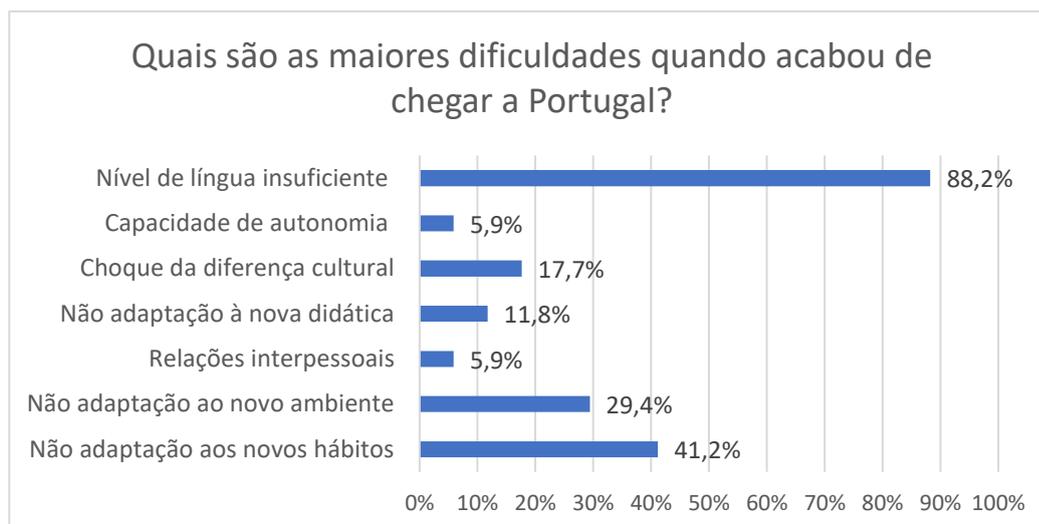


Gráfico 3 Dificuldades na chegada a Portugal

Obviamente, a **língua** é a primeira barreira colocada à frente dos alunos chineses ao se integrarem à sociedade e cultura portuguesas. Tanto na aula quanto na comunicação do dia-a-dia, a língua é sempre o único meio para se entenderem e trocarem ideias, é uma questão de sobrevivência numa terra exótica. Nível de língua insuficiente pode causar uma série de problemas e inconveniências. Para os alunos, por sua vez, o melhoramento das competências linguísticas foi um dos motivos principais para estudarem fora.

À propósito disso, estudamos a evolução das competências linguísticas dos alunos no período do intercâmbio.

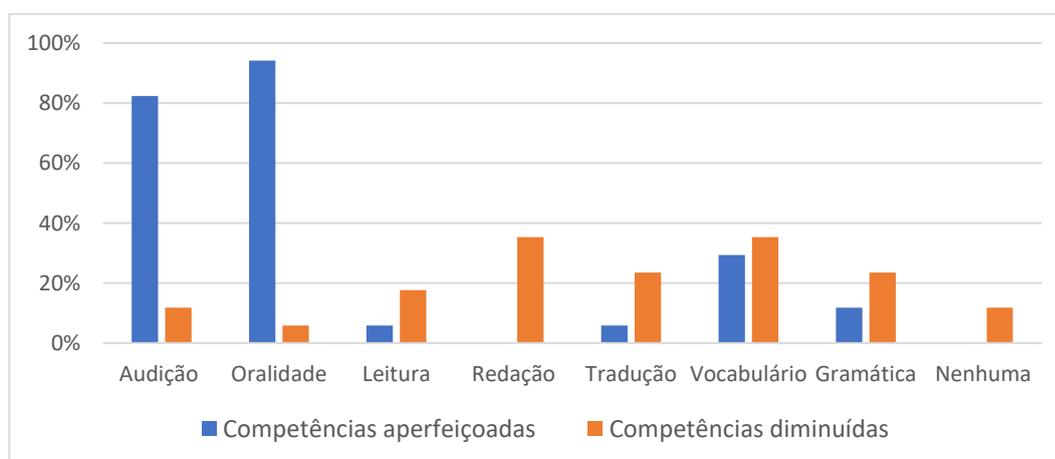


Gráfico 4 Competências aperfeiçoadas e diminuídas após um ano de intercâmbio

O gráfico acima representa as competências linguísticas aperfeiçoadas e diminuídas, afirmadas pelos alunos após um ano de intercâmbio. A maioria dos entrevistados considera ter melhorado nas competências de audição e de oralidade. 35,29% dos respondentes acham que o nível de redação caiu. Na leitura, tradução, vocabulário e gramática diferenciam-se as opiniões, verificando-se mais inquiridos que as consideram competências diminuídas do que aqueles que as consideram aperfeiçoadas. Parece-nos, quantitativamente, que o intercâmbio traz mais mal do que bem. É isso mesmo?

Veja-se a última coluna no eixo horizontal. Ninguém considera que *nenhuma* competência linguística foi melhorada, ou seja, toda gente escolheu pelo menos uma das competências listadas. Em outras palavras, nas opiniões de todos, pelo menos uma das competências aperfeiçoou-se.

Segundo, 82,35% e 94,12% dos respondentes, respetivamente, mostram forte concordância com a sua melhoria na audição e na oralidade. Pelo contrário, apenas 11,76% e 5,88% consideram que as duas competências se reduziram, o que é relativamente insignificante.

Por último, o melhoramento na audição e na oralidade também foi acordado pelos quatro alunos durante a entrevista, já que todas as aulas foram dadas por professores portugueses, sem intervenção duma língua terceira, como o inglês.

Por outro lado, a audição e a oralidade são duas coisas ligeiramente diferentes. Quando se vive no exterior, a audição é considerada uma competência adquirida de forma passiva, enquanto a oralidade, comparativamente muito mais ativa. Conforme o que foi confessado na entrevista, a experiência no estrangeiro não muda muito o carácter de uma pessoa. Um aluno calmo e introvertido manterá calado quando se mudar para estudar fora. Nesse sentido, aqueles mais extrovertidos ou empreendedores beneficiam mais da experiência em Portugal, sobretudo na oralidade, pois atreviam-se a falar mais, e sempre à procura de oportunidades para treinarem e praticarem a expressão oral. Os alunos relativamente introvertidos são mais confiantes no melhoramento da audição do que no da oralidade. Pois a audição se trata de uma competência adquirida através da participação nas aulas e das atividades regulares do dia-a-dia, a oralidade, por sua vez, exige mais a coragem e as competências

comunicativas. Por isso, é adquirida com mais dificuldade. Entre os quatro entrevistados, três confessaram que tanto a audição quanto a oralidade tinham sido melhoradas e o outro só disse que a audição era uma das competências linguísticas melhoradas.

Conclusão das razões acima apresentadas: o intercâmbio melhorou, em geral, o nível da língua portuguesa, o que, porém, varia de pessoa a pessoa. A oralidade e a audição são duas competências melhoradas mais destacadas.

No que diz respeito ao **contacto com portugueses**. 58,82% afirmam que tinham individuais ou grupos com que mantinham contactos contínuos e permanentes quando estavam em Portugal, enquanto 41,18% confessam que não. De entre os 58,82%, 70% relacionam-se mais com os seus colegas ou amigos portugueses, 50% lidam com o seu senhorio ou vizinho e 40% dão-se com estrangeiros cuja língua materna não é português. Os religiosos também são um dos seus principais contactos, dado serem acessíveis e simpáticos.

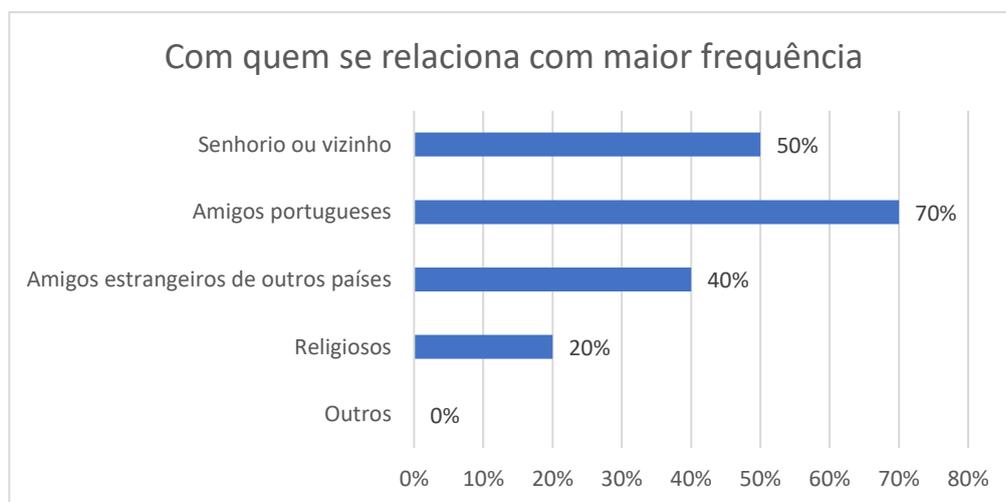


Gráfico 5 Contactos no local

Participação nos eventos ou atividades organizadas por portugueses:

64,71% dos inquiridos participaram nos eventos tradicionais no local. Café ou jantar e aula de conversação também estão entre as atividades mais preferidas. No sentido positivo, todos os alunos assistiram em atividades sociais muito variadas, mostrando uma atitude ativa na integração numa cultura exótica. No sentido menos positivo, segundo as observações apresentadas na entrevista, em atividades como a queima das fitas, os alunos chineses pareciam mais *espetadores*, em vez de *participantes*. Ou seja, eles, na sua maioria, foram *ver* a festa, e não pessoalmente *participar* nela. A integração à cultura estrangeira constitui sempre uma das maiores dificuldades.

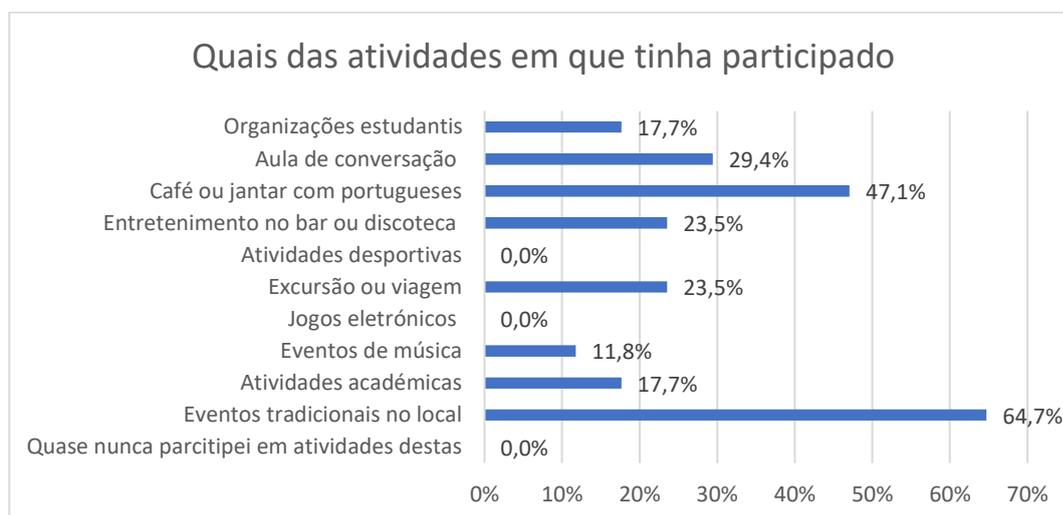


Gráfico 6 Participação em atividades sociais

O último ponto observado na entrevista é bem positivo, isto é, **a atitude geral dos alunos chineses acerca dos portugueses**. Apesar de existir, em poucas vezes, discussões ou insatisfações com vizinhos ou companheiro de quarto, comentam que os portugueses são simpáticos, amigáveis e educados.

5. Conclusão

O inquérito por questionário e o por entrevista apresentam pontos bem positivos em relação ao intercâmbio. Do ponto de vista integral, os alunos melhoraram o nível da língua e conheceram a cultura portuguesa. Após um ano de estudo, passaram a ser mais independentes e confiantes. Por isso, 100% dos inquiridos acham que tudo “vale a pena”.

Mudou-se o modelo de aprendizagem depois de se terem deslocado a viver em Portugal. A aquisição da língua estrangeira passou a ser mais natural em comparação com o modelo de estudo na China. Em vez de estudar com livros, os alunos preferiam sair da sala de aula e conversar com os locais ou praticar atividades. Muitos confessaram que não tinham gastado muito tempo na memorização de vocabulários ou no estudo de gramática. Porém, o contacto com amigos e as práticas sociais faziam com que os conhecimentos se interiorizassem. No entanto, salientam ao mesmo tempo a importância da aprendizagem tradicional. Segundo as observações na entrevista, a aprendizagem tradicional e mecânica é a fonte da obtenção e acumulação de novos conhecimentos linguísticos, incluindo vocabulários, expressões, gramática, entre outros. E o contacto e conversação com os falantes nativos promovem e reforçam a interiorização e absorção dos conhecimentos já aprendidos. Os dois modelos são ambos indispensáveis e devem ser combinados. Além disso, destacam também a importância da autodisciplina, uma vez que no exterior levam uma vida mais livre e independente.

A participação ativa em atividades e o contacto e interação contínuos com os locais são as medidas mais eficazes para melhorar a língua e se integrar à sociedade. Comentam que é ideal ter um amigo ou amiga com quem mantenha uma relação estável e permanente. Sugerem que os alunos chineses se relacionem mais com os portugueses, em vez de morarem e conviverem sempre com os seus colegas chineses. *Homestay* e participação nas festas são úteis para expandir o círculo de amigos e encontrar novas possibilidades de se aproximar da vida real dos portugueses.

Referências Bibliográficas:

- Cook, V. (2011). *Second Language Learning and Language Teaching*. Pequim: Foreign Language Teaching and Research Press.
- Ellis, R. (1999). *Understanding Second Language Acquisition*. Xangai: Shanghai Foreign Language Education Press.
- Ellis, R. (2013). *The Study of Second Language Acquisition*. Xangai: Shanghai Foreign Language Education Press.
- Hu, Z. (2002). *Tutorial da Linguística*. Pequim: Beijing University Press.
- Wen, Q. (2010). *Major Issues in Second Language Acquisition*. Pequim: Foreign Language Teaching and Research Press.
- Yan, Q. (2016). *Cooperação no Ensino de Português China-Lusofonia e entre a China Continental e a RAEM*. In: Reports on the Development of Portuguese-Speaking Countries. ed. Pequim: Social Sciences Academic Press: 44-58.
- Yuan, S. (2014). *Ensino da Língua Portuguesa na China: Uma Análise de Alguns Planos Curriculares*. Dissertação de Mestrado da Universidade de Lisboa.